

6 CONCLUSÃO

...onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro da nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro. Campbell, 2007, p.32.

Depois da leitura comparada dos três livros escolhidos, percebemos que suas diferenças só enriquecem suas semelhanças, e que poderíamos ter inúmeras histórias com o mesmo percurso e ainda assim ver novidade e diferentes formas de lidar com a exclusão em cada uma. A imagem certamente tem um papel fundamental, pois é diretamente através dela que fazemos os julgamentos sobre as pessoas, e que a maior parte das segregações acontece, mas em nossa leitura, imagem e texto são indissociáveis, principalmente nos dois livros mais recentes, *Flicts* e *Mancha – a menina maldesenhada*, e uma leitura não ficaria completa sem as ilustrações.

É curioso pensar a relação da ilustração com seu tempo. Muito mais do que visões particulares sobre a questão da exclusão, são visões de livros para crianças, a que pudemos comparar, olhando para um mesmo tema. Não apenas a ilustração, mas a própria diagramação e forma de contar a história são características bastante significativas e se relacionam com o seu tempo de diferentes maneiras. A reverberação das histórias, bem como as mesmas, transformam-se através do tempo e das imagens que criamos para elas, o que fica evidente em uma análise de caso.

A ilustração de *O patinho feio* é característica de sua época não apenas pela tendência de aproximação com a realidade, ou mesmo pela técnica utilizada, mas porque traduz o olhar de uma época. De forma que só percebemos o quanto *Mancha* é contemporânea, quando a colocamos lado a lado com o primeiro. As imperfeições, os diferentes traços e a mistura de materiais são característicos da nossa época, que tem a facilidade do computador pessoal. *Flicts*, por mais que tenha resquícios de elementos modernistas e esteja sintonizado com alguma reverberação da poesia concreta, ambos característicos dos anos 50, talvez seja o que perdure por mais gerações.

A edição que trabalhamos de *O patinho feio* foi reeditada em uma pequena tiragem comemorativa, mas dificilmente ganharia as prateleiras das crianças de hoje, senão por seu caráter nostálgico. A história, no entanto, continua em múltiplas versões ilustradas, à venda nas livrarias, com novas imagens e novas leituras. *Flicts* também continua à venda, sem qualquer alteração de ilustração ou diagramação. Talvez por ser tão sintético e direto, sua imagem não sofre com as mudanças culturais e técnicas de cada época. Talvez a imagem seja o espaço privilegiado, onde o que é atemporal de uma história se encontra com seu tempo.

Mancha não podemos prever, o tempo dirá qual será o destino da nossa personagem *mal desenhada*, mas com a velocidade em que novos títulos são impressos a cada ano, para trazer novidade ao mercado. É possível que sem uma reação mais numerosa de crítica e público, a maior parte dos novos livros editados atualmente não tenha uma sobrevida tão longa quanto *Flicts*.

Apesar dessa diferença clara em relação à época em que foram produzidos, os livros trazem algumas semelhanças ao tratar a questão do pertencimento. A cor como fator de diferenciação, por exemplo, está presente em todos eles, de alguma forma, e o contraste é fundamental para estabelecer graficamente a exclusão. Em *Mancha*, o elemento do traço também entra em cena de forma interessante, por trazer a ideia de *mal feito* ou inacabado.

Além disso, a composição cumpre um papel essencial em estabelecer a solidão que sofre a personagem, e podemos presumir que isso ocorra em outras publicações com o mesmo tema. É claro que nenhum elemento isolado teria o mesmo sentido de quando o analisamos dentro de seu contexto e narrativa. O próprio tema tratado aqui parte de um olhar particular da exclusão que, na época da edição de 1915, de *O patinho feio*, talvez não tivesse o mesmo sentido.

Certamente não podemos reduzir todo o universo que trata da questão nesses três livros, mas é curioso pensar, também, que mesmo em *Mancha* não temos um confronto direto com questões que configuram exclusão na nossa sociedade, como peso, raça e até idade. Ela é trabalhada pela tangente, sem entrar em confronto direto com possíveis preconceitos do leitor, ou da sociedade em geral.

Se as relações estabelecidas na análise foram ou não intencionais por seus autores, não faz diferença para a nossa intenção de leitura. O livro ganha vida própria, quando publicado, e a intenção do autor não invalida as possíveis

relações e visões que os leitores podem ter da obra. A literatura e as artes, em geral, falam diretamente à nossa sensibilidade. Assimilamos conceitos e ideias por outro canal que não o da racionalidade. Essa breve viagem pelas possibilidades que a literatura infantil tem de tratar uma questão tão profunda e recorrente nos faz pensar sobre seu grande poder de transformação e discussão na sociedade. E a imagem faz parte dessa centelha que desperta a sensibilidade em diferentes níveis.

Acredito que essa pesquisa tenha relevância, principalmente quando colocada em perspectiva em um movimento de valorização e reflexão sobre a imagem como elemento narrativo. O ilustrador brasileiro Rui de Oliveira questiona o valor que colocamos sobre a alfabetização verbal, em detrimento de um conhecimento visual e diz que teríamos adultos muito mais conscientes e críticos se a questão fosse abordada já na escola. Em um mundo povoado por imagens, que chegam à saturação, a observação faz muito sentido.

Existe uma massificação de ilustração direcionada à infância, e seria até curioso entender como ela se formou. Vemos hoje, em muitos meios, um estilo convencional de desenho *apropriado* e associado à infância. E quando pensamos que é o professor que geralmente introduz esse tipo de literatura, a questão fica mais clara, esses profissionais deveriam ser capazes de avaliar além da palavra escrita e enxergar o conjunto.

A imagem deve, idealmente, ser pensada dentro de suas múltiplas possibilidades dentro de determinada narrativa, senão estaremos fadados a um futuro de repetição e estereótipos, que mal sabemos como surgiram. Todos estamos olhando através da mesma janela do *google* e pressionados pelo mesmo relógio do mercado. O espaço para a reflexão que tivemos aqui é algo raro fora da academia.

A experiência de escrever é a de observar, deixar as questões em *banho-maria*, dormir com elas, observá-las no jornal, nas histórias de amigos e em minhas indagações pessoais. Em pouco tempo, vemos o quão introjetadas estão em nós certas ideias, e como o trabalho do pesquisador é semelhante ao do artista, de trazer à tona o que muitas vezes já estava ali, mas poucos enxergam, dando uma visão pessoal para questões universais. Com certeza essa análise poderia ter contado com diferentes autores, e o recorte é o do tempo e da experiência. As possibilidades de aprofundamento são, portanto, muitas, dentro de cada fio usado para costurar essa análise.